

METAPOESIA NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL *

Robson Tadeu CESILA

RESUMO *Dos cerca de 1550 epigramas de Marco Valério Marcial (ca.38-41d.C. – ca.101-102), poeta epigramatista latino nascido em BÍlbilis, na Hispânia Tarraconense, muitos têm como tema a própria arte de fazer epigramas, assim como outros aspectos poético-literários: os traços principais do gênero epigramático, o caráter “menor” do gênero em relação à poesia tradicional greco-latina, a crítica a produções literárias de outros autores, as condições de produção e de transmissão da poesia epigramática na Roma imperial, o problema do plágio, a parca gratificação do trabalho do poeta, etc. Em nosso estudo, detectamos, traduzimos e analisamos, nos quinze livros que compõem a obra de Marcial, todos os epigramas que tratam dos temas acima, descrevendo a maneira como o autor aborda, dentro de sua poesia, os aspectos que dizem respeito a ela própria (metapoesia).*

ABSTRACT *Many of approximately 1550 epigrams written by Marcus Valerius Martialis (A.D. c.38-41d - A.D. c.101-102), Latin epigrammatist poet born in Bilbilis, in Hispania Tarraconensis, have as its subject matter the very art of making epigrams, along with other poetic-literary features, such as all of the principal characteristics of the epigrammatic genre, as well as the “minor” aspects of the genre in terms of the traditional Greek-Latin poetry, such as the censure to the literary works of other authors, the conditions of production and transmission of the epigrammatic poetry in Imperial Rome, the problem of plagiarism, the low financial compensation of the poet’s activity, etc. In our study, we detected, translated and analyzed, in the fifteen books that compose the work of Martial, all the epigrams that deal with the topics above, describing the way the author treats in his poetry the very features of his own art (metapoetry).*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística/Letras Clássicas do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 16 de fevereiro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

1. METAPOESIA E OS METEPIGRAMAS DE MARCIAL

É extremamente comum encontrar, nos versos de um poema ou nas linhas de uma obra em prosa, elementos que demonstram uma auto-reflexão do autor sobre sua própria obra, sobre sua própria atividade poético-literária. Tais reflexões se materializam, no interior da obra literária, das mais diversas formas: pode ser uma abordagem de questões estético-ideológicas, uma reflexão sobre questões de gênero, um diálogo do autor com o livro ou o leitor, um procedimento intra, inter ou autotextual, uma preocupação com elementos materiais, externos à obra, relativos ao livro ou ao autor, etc. O fenômeno que acabo de descrever faz parte de um conjunto mais amplo de fenômenos lingüísticos que se costuma designar com o termo *metalinguagem*, mas, nos estudos literários, consagrou-se o termo mais específico *metapoesia* para descrever o fato quando se manifesta no âmbito da poesia. Um *metapoema* é, portanto, um poema que contém algum elemento metapoético, ou seja, alguma reflexão sobre a própria poesia ou literatura, sobre o próprio fazer poético.

Escreveram metapoemas poetas de todas as épocas, de ontem e de hoje. Em língua portuguesa – apenas para citar alguns exemplos que nos são mais familiares –, temos os conhecidos “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa (*Cancioneiro*), “Poética”, de Manuel Bandeira (*Libertinagem*) e “Procura da Poesia”, de Carlos Drummond de Andrade (*A Rosa do Povo*), além de tantos outros que poderiam integrar uma lista de muitas páginas. Mas as preocupações do escritor com o fazer poético remontam a épocas bem mais distantes, e o poeta latino de que tratarei neste artigo – cuja obra constituiu o tema de minha dissertação de Mestrado – viveu no primeiro século de nossa era, na Roma antiga, sobretudo durante o governo dos imperadores da dinastia Fláviana (Vespasiano, Tito e Domiciano). Marco Valério Marcial escreveu, durante os cerca de trinta e quatro anos em que viveu em Roma – o poeta nascera na pequenina Bîlbilis, na província romana da Hispânia Tarraconense, se mudara para a capital do Império em 64 d.C. e retornara à sua terra natal em 98 –, quinze livros de epigramas, os quais contêm, no conjunto, 1555 poemas. Desses, 218, conforme pude apurar, podem ser considerados metapoemas, número considerável (correspondente a cerca de 15% da obra total do poeta) que permite elevar as preocupações metapoéticas ao posto de uma das mais importantes vertentes temáticas da poesia de Marcial.

O estudo da metapoesia presente na obra desse poeta é importante não só pela recorrência do tema e pelo grande número de metapoemas que escreveu, mas também por uma particularidade interessante: é com a obra de Marcial que se fixam as principais características do gênero poético por ele cultivado: o epigrama. É também com esse autor que o próprio termo *epigrama* passa a ter a acepção específica que possui hoje: a de um poema curto e satírico. Uma breve digressão na história do gênero pode auxiliar na compreensão desse fato.

2. MARCIAL E O GÊNERO EPIGRAMÁTICO

Por volta do século VIII a.C., o termo *epigrama* designava, na Grécia, inscrições em verso gravadas em monumentos, túmulos, estátuas, objetos ofertados, etc. Tais inscrições serviam, portanto, como homenagem às pessoas falecidas, como dedicatórias aos destinatários de uma oferta ou como simples descrições ou legendas de obras de arte e monumentos (cf. López Férez, p. 842). Essa primeira função de tais versos é, inclusive, atestada pelo significado original do termo: *epigrama* significa, etimologicamente, “inscrição”, e deriva do substantivo grego ἐπίγραμμα (*epígramma*; latim *epigramma*), formado a partir do verbo ἐπιγράφειν (*epigráphein*), que significa “inscrever”, “gravar uma inscrição” (ἐπί / *epí*, prefixo = em cima de, sobre; γράμμα / *grámma* = letra, escrito: *epígramma* = o que é escrito, inscrito sobre algo, inscrição)¹. Com as guerras Médicas, já no período clássico grego, essas inscrições tornaram-se mais numerosas em razão das homenagens prestadas nos túmulos dos soldados mortos nos combates e nos troféus ofertados aos guerreiros vencedores (cf. López Férez, *ibid.*).

Foi no período helenístico, porém, que o epigrama, embora mantendo a brevidade como a sua principal característica, se libertou definitivamente de sua finalidade prática e de sua estreita vinculação a um suporte material (Conte, 1994: 506). Passou, então, a abarcar uma gama maior de temas, tornando-se poesia de ocasião, ou seja, poesia que retrata o momento, os pequenos acontecimentos do dia-a-dia, de forma que se tornaram infinitamente mais comuns que os epigramas sepulcrais e votivos aqueles de temática satírico-jocosa e erótica, ou os destinados à felicitação de amigos e patronos por um aniversário, casamento, restabelecimento da saúde, retorno de uma viagem, etc. (cf. Conte, *ibid.*). Datam do período helenístico da literatura grega muitos dos epigramas reunidos na chamada *Antologia Grega* ou *Antologia Palatina*, uma coleção de epigramas gregos, de diversas épocas e autores – abrangendo peças compostas do século VII a.C. ao VI d.C. –, transmitidos à posteridade por um manuscrito do século X.

Na literatura latina, o epigrama não havia tido, segundo Conte (1994: 506-507), uma grande tradição. Além disso, dos poetas epigramáticos latinos, citados por Marcial e por outros autores, quase nada foi preservado. Apenas de Catulo, que, influenciado pela poesia grega helenística, cultivara o gênero, sobreviveu uma produção considerável, embora sua obra não seja composta apenas de epigramas. Outros poetas e prosadores chegaram a escrevê-los, mas sempre como uma atividade poética secundária, sem maiores preocupações estéticas e ambições literárias: uma forma, enfim, de preencher seu tempo livre, seu *otium*². Foi apenas com a obra de Marcial, no século I d.C., que o

¹ Bailly, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963 (p. 744, B-1).

² Os antigos romanos e gregos chamavam *otium* ou *skholē* (σχολή) ao tempo disponível para o lazer, a política, o estudo, a educação, a cultura. Privilégio das elites, o *otium* se opunha ao trabalho físico, que era visto como degradante e reservado, geralmente, aos escravos (*Oxford Classical Dictionary*, doravante *OCD*, p. 809).

epigrama começou a adquirir maior importância e almejou abandonar definitivamente sua dimensão “menor” para ascender verdadeiramente ao posto de gênero poético. Muito contribuiu para isso não só a extensão da produção poética de Marcial e a exclusividade que concedeu, em sua obra, ao gênero epigramático, mas também – e principalmente – o talento e a arte que empregou na composição de seus poemas.

As características predominantes nos epigramas de Marcial acabaram se tornando, para sempre, as características do próprio gênero, a tal ponto que as definições que se encontram, nos dicionários modernos, para a palavra *epigrama*, contemplam sobretudo a brevidade e o teor satírico-jocoso, exatamente os traços marcantes da poesia de Marcial, como se disse anteriormente. É importante, porém, ressaltar dois pontos: primeiro, que esses traços não são inovações de Marcial e decorrem de toda uma tradição, sobretudo grega, anterior ao poeta; segundo, que, embora a maior parte dos epigramas de Marcial seja formada por peças curtas e satíricas, não se pode esquecer que ele escreveu também peças longas e de temática não-satírica, as quais chamou igualmente *epigramas*. Vale a pena comentar um pouco cada um desses dois pontos.

A brevidade do gênero epigramático está ligada, segundo os teóricos da literatura greco-latina, à sua função original de inscrição tumular ou votiva. Martin & Gaillard (1990: 404), por exemplo, afirmam que, embora tenham sobrevivido epigramas longos gravados em túmulos e monumentos, o espaço físico de que se dispunha para a inscrição dos mesmos fez com que eles nascessem já como um gênero marcado pela concisão. Quanto à temática satírica que predomina nos epigramas de Marcial, deve-se lembrar que ela já fora, um século antes, uma das vertentes da poesia catuliana, e que Marcial reconhece a influência desta em sua obra.³

A outra questão exposta acima, relativa à presença, ainda que em menor quantidade, de epigramas longos e não-satíricos na obra do poeta, levanta interessantes e complexas questões quanto à concepção de *epigrama* que permeia a sua produção poética. Segundo estatísticas apresentadas por Dezotti em sua dissertação de Mestrado (1990: 76-77), cerca de 88% dos epigramas de Marcial são curtos (têm até doze versos, número-limite, no levantamento feito pelo pesquisador, para se considerar breve um epigrama).⁴ Quanto ao conteúdo da obra do epigramatista, os poemas satíricos representam cerca de 67% (787 epigramas) do total (cf. Dezotti, p. 84). Embora esses dois traços – brevidade e temática satírico-jocosa – predominem, não se pode ignorar a existência das 140 peças longas e 384 peças não-satíricas (números de Dezotti) na obra de Marcial. Há, por exemplo, 20 epigramas que possuem entre 20 e 51 versos. Tal fato foi também tratado pelo epigramatista em alguns de seus metapoemas, que constituem sua defesa diante daqueles que poderiam acusá-lo – e provavelmente o acusavam – de não estar

³ Veja-se, por exemplo, o que o autor diz no prefácio ao seu primeiro livro de epigramas.

⁴ É importante lembrar, no entanto, que Dezotti não inclui em seus cálculos os 350 epigramas (quase todos compostos de um único dístico elegíaco) dos livros *Xenia* e *Apophoreta*, coleções monotemáticas que vieram à luz em 85 d.C., apenas alguns anos depois da publicação da obra de estréia do poeta, o *Liber de Spectaculis*, de 80 d.C. Também não inclui em seus cálculos os 33 epigramas desta última.

seguindo aquela que era certamente a principal “regra” do gênero: a brevidade. Quanto aos poemas não-satíricos de sua obra, Marcial não precisava se preocupar em se defender de possíveis críticos, uma vez que a tradição epigramática já consolidara, desde que o epigrama se libertou de sua função sepulcral e votiva, uma grande liberdade de temas. Não há, até onde pude apurar, nenhum poema em que Marcial se desculpe ou se defenda por ter escrito epigramas não-satíricos: ao compor poemas sepulcrais, erótico-pederásticos, adulatórios, amorosos, etc., o poeta estava simplesmente adotando temas consagrados pela tradição.

Resta, por fim, mostrar em quê o poeta se destacou de todos os seus antecessores – já que a brevidade e o teor satírico-jocoso não foram inovações suas – a ponto de ter se tornado o maior epigramatista latino e o principal modelo de todos os poetas posteriores que se dedicaram ao gênero. A maior contribuição de Marcial, segundo diversos autores (Conte, 1994: 508; Gentili, 1987: 437-438; Citroni et al., 1991: 187; Martin & Gaillard: 1981: 409), está no aperfeiçoamento e na primazia com que usou a técnica de produção do humor e da graça no epigrama. Tal técnica, que já está presente na poesia helenística e sobretudo nos epigramas de Lucílio – poeta que escreveu em grego e viveu em Roma na época de Nero –, consiste em estruturar o epigrama em duas partes: a primeira, mais extensa, expõe, explica, desenvolve o tema, criando uma tensão e uma expectativa no leitor, e deixa para a segunda parte, correspondente em geral ao último verso ou às últimas palavras do poema, a frase picante, o dito mordaz, o comentário inteligente e espirituoso, os elementos, enfim, responsáveis pelo humor e pela graça do epigrama. O efeito da parte final é tanto maior quanto mais surpreendente e inesperado for o elemento cômico nela presente. Veja-se o epigrama 81 do Livro VI⁵, em que Marcial se dirige a um certo Caridemo:

Revoltado com o povo você parece, Caridemo, ao tomar banho,
pois por toda a piscina mergulha os genitais.
Nem mesmo a cabeça, Caridemo, eu queria que aqui você lavasse.
Mas eis que lava a cabeça! Prefiro que lave os genitais.

Note-se que o efeito cômico-satírico do epigrama está no último verso, mais especificamente nas últimas três palavras (*inguina malo laues*, em latim). É fortemente aceita, entre os estudiosos da poesia latina, a tese de que jamais essa técnica do fecho cômico e espirituoso fora trabalhada por outro poeta epigramático com tanta perfeição como na poesia de Marcial. São esta e outras qualidades, baseadas mais no tratamento dado ao gênero do que em inovações propriamente ditas, que imortalizaram o nome de Marcial e o ligaram para sempre ao gênero epigramático que praticou, permitindo que outros traços de sua poesia – a brevidade e a temática satírico-jocosa, predominantes

⁵ Todas as citações de epigramas seguem a edição da obra de Marcial feita pela Société d'Édition “Les Belles Lettres”: *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933, 1961.

em sua obra – pudessem consolidar-se como as características principais do gênero e do conceito de *epigrama* a partir de então.

Compreende-se, assim, a importância dos metapoemas de Marcial, já que trazem, muitas vezes, reflexões interessantes sobre o próprio gênero epigramático, em cuja evolução o poeta ocupa papel de destaque. E, uma vez que Marcial se dedicou exclusivamente a esse gênero⁶, ou seja, uma vez que todos os seus poemas são epigramas, proponho chamar, a seus metapoemas, *METEPIGRAMAS*.

As reflexões metapoéticas presentes nesses metepigramas são de muitos tipos. Há metepigramas em que o poeta trata de temas ligados mais diretamente à poesia e à literatura (poemas sobre os traços principais do gênero epigramático, sobre características individuais do estilo de Marcial, sobre a relação do epigrama com os gêneros de maior prestígio dentre os antigos, como a tragédia e a epopéia, etc.) e metepigramas que trazem aspectos metapoéticos mais “externos”, por assim dizer, à poesia (poemas sobre plagiários, sobre a falta de patrocínio aos poetas na época de Marcial, sobre a confecção material dos livros na Antigüidade, etc). A seguir exemplificarei, com os próprios epigramas de Marcial, algumas dessas reflexões metapoéticas. Para a leitura do *corpus* completo, composto pelos 218 metepigramas que foram detectados, durante minha pesquisa de Mestrado, nos quinze livros de Marcial, remeto o leitor à minha dissertação⁷, na qual esse conjunto foi integralmente traduzido, anotado e analisado.

3. REFLEXÕES METAPOÉTICAS NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

3.1. A brevidade

A principal característica do epigrama é, sem dúvida, a brevidade, o que está relacionado, como se disse anteriormente, à origem do gênero como inscrição votiva e sepulcral. Mas se encontram, na obra de Marcial, muitos epigramas que não podem ser considerados propriamente breves (cerca de 140): um epigrama como III, 82⁸, por exemplo, possui 33 versos, extensão pouco comum dentro da tradição do gênero.⁹ Talvez seja por isso que o poeta insere, logo após esse poema, o seguinte metepigrama

⁶ Ao menos é o que se pode concluir a partir do que se preservou, até os dias atuais, de sua obra.

⁷ *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2004.

⁸ É o célebre poema sobre o novo-rico Zoilo.

⁹ Segundo P. Waltz, na introdução à sua edição da *Antologia Grega* (*apud* Dezotti, 1990: 77), a grande maioria dos 3.700 epigramas que fazem parte dessa antologia possuem entre 2 e 12 versos. Entre os latinos, Catulo, talvez a maior influência de Marcial, compôs 48 poemas curtos que se costuma classificar como epigramas (Martin & Gaillard, 1990: 405).

(III, 83), em que parece zombar daqueles que poderiam criticar a incomum extensão do poema precedente:

Você me aconselha a fazer epigramas mais breves, Cordo.
“Faça para mim o que faz Quíone.” Não pode ser mais breve.

Quíone é uma prostituta, provavelmente muito rápida nos serviços que presta. Marcial zomba de Cordo, dizendo que não poderá ser breve, em seus epigramas, tanto quanto Quíone o é em sua atividade. O procedimento de fazer seguir, a um poema longo, um metepigrama – em geral mais curto – que justifica ou defende a extensão longa do poema precedente é comum nos livros de Marcial. Vejam-se, por exemplo, os epigramas 109 e 110 do Livro I, 64 e 65 do Livro VI, 28 e 29 do Livro VIII¹⁰. Outros metapoemas de Marcial que versam sobre a extensão dos epigramas ou dos livros de epigramas são II, 1; II, 6 e II, 77; IV, 29 e IV, 89; X, 1 e X, 59; e XI, 107, para os quais remeto o leitor à dissertação.¹¹

3.2. O retrato da vida cotidiana nos epigramas e o contraste com os gêneros “maiores”

Mario Citroni, em seu estudo intitulado “Musa pedestre” (1989), afirma que “a representação literária da vida cotidiana” é, na cultura antiga, “confinada à esfera do cômico e reservada a gêneros literários que são considerados ‘menores’ pelo próprio fato de terem esse caráter cômico e realista” (p. 311).¹² Assim, ao lado da poesia jâmbica de invectiva, da comédia – que, apesar de gênero tradicional, teve seu *status* de poesia posto em dúvida pelos teóricos da Antigüidade – e da sátira, o epigrama fez parte desse grupo de gêneros “menores”, tendo como características principais, além da brevidade, o retrato da vida cotidiana e a utilização de uma linguagem realista e próxima do coloquial (cf. Citroni, 1989: 314-315). Esses traços se opõem àqueles que caracterizam a poesia de maior prestígio, sobretudo a tragédia e a epopéia: matéria mitológica ou heróica e uso de linguagem e tons elevados. Marcial, em muitos de seus metepigramas, exalta a vivacidade e o realismo de seus epigramas, em detrimento das tragédias e epopéias, que tratariam de assuntos fantásticos e distantes da realidade dos leitores, ouvintes e espectadores. Veja o que o poeta diz no epigrama IV, 49:

¹⁰ O epigrama I, 82 possui 23 versos; VI, 64 tem 32; VIII, 28, 22 versos. Pode-se mesmo perguntar – colocando em questão a própria delimitação do gênero epigrama – se III, 82 e VI, 64 não poderiam ser considerados mini-sátiras, já que possuem temática satírico-jocosa, são compostos em hexâmetros e apresentam uma extensão incomum para o gênero epigramático, avizinando-se do gênero satírico praticado por Horácio, Pérsio e Juvenal.

¹¹ Ver nota 8.

¹² Cf. também Auerbach, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*, p. 27: “[na Antigüidade.] tudo o que corresponde à realidade comum, todo o cotidiano só pode ser apresentado de forma cômica, sem aprofundamento problemático.”

Não sabe, creia em mim, Flaco, o que são epigramas quem os chama apenas futilidades e passatempos.
 Mais fútil é aquele que descreve as refeições do desumano Tereu¹³ ou o teu jantar, Tiestes de digestão difícil,¹⁴ ou Dédalo, que adapta ao filho liquéfativas asas,¹⁵ ou Polifemo, que apascenta sículas ovelhas.¹⁶ 5
 Longe de meus livrinhos está todo empolamento, e a minha Musa¹⁷ não se incha com a extravagante veste trágica¹⁸.
 “Aqueles, no entanto, todos louvam, admiram, veneram.”
 Admito: louvam aqueles, mas estes meus é que lêem. 10

Marcial se defende de quem acha que sua obra é inferior à tragédia (*Tereos, Thyesta, Daedalon*, vv. 3-5) e à épica (*Polyphemon*, v. 6). À objeção apresentada por Flaco, responde Marcial que, embora as poesias épica e trágica sejam admiradas, é a sua poesia satírica, alegre, jovial, divertida que é lida pelo grande público. Outros metepigramas em que o poeta trata dessa relação do epigrama com os gêneros mais elevados são *Apoph.*, 1; V, 5; VIII, 3 e VIII, 55; IX, 26 e IX, 50; X, 4, X, 35 e X, 64; XI, 90 e XII, 94, além do epigrama que integra o prefácio ao Livro IX.

Um outro grupo de metepigramas pode ser tratado neste mesmo item, uma vez que também está relacionado com questões de gênero e com o caráter popular do epigrama. Trata-se dos vários poemas em que Marcial associa sua produção poética à época das Saturnais, festas em honra a Saturno que se realizavam em Roma entre os dias 17 e 23 de dezembro e que eram marcadas por uma relativa liberdade de costumes e de comportamento. Durante essas festividades, passava-se o dia comendo, bebendo e

¹³ Rei da Trácia e marido de Procne, Tereu estuprou a irmã desta, Filomela, e cortou a língua da jovem para que não contasse nada à esposa. Filomela, porém, bordou num tecido uma cena representando o ocorrido, e Procne, enraivecida, matou o filho que tinha com Tereu, Ítis, e serviu-lhe como refeição. Ao saber disso, Tereu perseguiu as duas irmãs para se vingar, mas os deuses salvaram-nas, transformando-as em aves (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, VI, 412-674).

¹⁴ Tiestes, irmão do rei de Micenas, Atreu, cometera adultério com a mulher deste, Aéroepe; ao saber disso, Atreu mandou matar os filhos de Tiestes e lhos serviu, sem este o saber, num festim. A seguir, mostrou ao irmão adúltero as cabeças e as mãos de seus filhos e o expulsou do reino. Atreu era pai de Menelau e Agamêmnon (*Dicionário da Mitologia Grega*, doravante DMG, p. 297).

¹⁵ Alusão ao conhecido mito do inventor e artesão Dédalo, construtor do labirinto de Creta. Preso nessa ilha pelo rei Minos, Dédalo confeccionou asas de cera para si e para seu filho Ícaro, a fim de que pudessem fugir voando. O plano deu certo inicialmente, mas Ícaro se aproximou demais do sol e, tendo a cera se derretido, despencou no mar e morreu (Ovídio, *Met.*, VIII, 183-235).

¹⁶ Polifemo era um dos Ciclopes, gigantes de um único olho de que nos falamos, dentre outros, Homero (*Od.*, IX, 105-540) e Virgílio (*En.*, III, 548-681). Em Homero, Odisseu e seus companheiros ficam presos na caverna de Polifemo, e, depois de cegá-lo com uma grande tocha, conseguem fugir agarrados sob o ventre das ovelhas do gigante. De acordo com a *Eneida*, os Ciclopes habitavam a Sicília, daí o adjetivo *Siculas* (“sículas”, “da Sicília”).

¹⁷ Tália, musa da comédia.

¹⁸ O original traz *syрма*, termo que designava a veste longa que usavam os personagens da tragédia (Sandys, J. E. *A Companion to Latin Studies*, p. 521).

se divertindo, e se trocavam presentes.¹⁹ Além disso, os papéis sociais se invertiam, e os senhores serviam seus escravos à mesa, podendo até mesmo ser insultados por estes. Todos os cidadãos deixavam de lado a toga e usavam a *synthesis*, uma veste mais leve, assim como o *pilleus*, um gorro vermelho próprio dos escravos (*OCD*: 1360-1361). Para Marcial, seus epigramas são como essas festas, e se caracterizam pela liberdade de linguagem, pelo teor satírico-jocosos, pela diversão e pelo humor. Amiúde se pode ver o poeta fixar como época ideal à leitura de seus poemas os dias consagrados às festas de Saturno, e talvez não seja à toa que muitos de seus livros tenham sido publicados no mês de dezembro (cf. Sullivan, 1991, pp. 12, 35, 37, 39, 40, 44 e 46). Em meio à alegria e à descontração das Saturnais, quando todos os deveres públicos e privados são suspensos, não há, segundo o poeta, lugar para outro tipo de poesia que não seja a dos gêneros “menores”. Assim, é a poesia de Marcial que deve ser lida nessa época do ano, e não os gêneros sérios, sublimes, elevados, austeros. Veja-se, por exemplo, o poema a seguir, XI, 2, em que o epigramatista se dirige ao imperador Nerva, que também teria algum talento poético:

Sobrancelha franzida e severa fronte
do duro Catão²⁰, filha do lavrador Fabrício²¹,
mascarados orgulhos, lei dos costumes
e tudo o que não somos na intimidade, vão para fora!
Eis o que clamam meus versos: “Viva as Saturnais!”;²²
isso é permitido, e, sob o teu governo, Nerva, prazeroso.
Leitores sombrios, decorem o áspero Santra²³;
não tenho nada a ver com vocês: este livro pertence a mim.²⁴

5

¹⁹ Marcial compusera, inclusive, duas coleções – os *Xenia* e os *Apophoreta* – formadas em sua maior parte por epigramas de um único dístico elegíaco que serviam para acompanhar os presentes trocados durante as Saturnais. Os epigramas da primeira dessas coleções acompanhavam os presentes trocados entre as pessoas sobretudo nessa época do ano; os da segunda acompanhavam os brindes ou lembranças que os anfitriões dos banquetes e festins sorteavam entre seus convidados, e que estes podiam levar para casa.

²⁰ Tanto Catão, o Censor (234-149 a.C.), quanto seu bisneto, Catão de Útica, se notabilizaram por sua austeridade, rigidez e por seu respeito aos antigos princípios da moral romana. O primeiro, durante sua censura, em 194 a.C., promoveu um programa de recuperação da moral romana, que ele julgava decadente, combatendo o luxo e primando pelo respeito às tradições de Roma, que não queria ver suplantada pela crescente influência dos gregos (*OCD*: 1224).

²¹ Gaio Luscinio Fabrício, cônsul em 282 e 278 e censor em 275 a.C. Era famoso por sua austeridade e incorruptibilidade (*OCD*: 585). Segundo Valério Máximo (IV, 4, 10), reportado por Izaac (*Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933, p. 282, n. 6 à p. 117), esse Fabrício era tão honesto e parcimonioso que não teve sequer recursos suficientes para o dote de sua filha, que teve de ser pago pelo Senado romano.

²² *Io Saturnales!* era o que gritavam as pessoas pelas ruas de Roma, durante as Saturnais.

²³ Poeta trágico e erudito romano do século I a.C., autor também de biografias sobre pessoas famosas (*OCD*: 1354). Seus versos eram obscuros, difíceis de entender, de estilo pouco fluente (cf. GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*, doravante *OLD*. New York: Oxford University Press, 1985, p. 1680-3).

²⁴ Isto é, “tem a ver comigo”, e por isso é jovial e de leitura fácil e agradável.

A mesma associação entre gênero epigramático e Saturnais ocorre nos metepigramas *Apophoreta*, I e 185; *Xenia*, I; IV, 14; V, 30; X, 18; XI, 6, XI, 15 e XI, 16.²⁵

3.3. A licenciosidade de temas e de linguagem nos epigramas

Este aspecto metapoético está, evidentemente, relacionado com o que se acabou de tratar no item anterior: a licenciosidade e a liberdade de linguagem dos epigramas de Marcial são muitas vezes justificadas por ele por meio da associação de sua poesia epigramática com as festas das Saturnais. Mas a presença de uma temática e de um vocabulário obscenos é defendida ou justificada pelo poeta em vários outros metepigramas, como VII, 25:

Embora você escreva sempre epigramas tão suaves
e mais cândidos que uma pele alvaiadada²⁶,
e neles nenhum grão de sal²⁷ haja, nem de amargo fel²⁸
uma gota, você quer contudo, ó insensato, que sejam lidos!²⁹
O próprio alimento não dá prazer se privado da acridez do vinagre, 5
nem é agradável o rosto a que faltam as covinhas do riso.
A uma criança dê os doces frutos e os insípidos figos:
para mim, o que sabe ser picante, o figo de Quios, é que tem sabor.³⁰

A “graça” do epigrama, segundo o poeta, está, então, em sua linguagem obscena e em seus temas picantes. Já no prefácio ao Livro I o poeta defendera a “franqueza lasciva das palavras” (*lasciua ueritas uerborum*), que ele define como a linguagem própria do epigrama (*epigrammaton lingua*):

²⁵ Veja-se ainda, no prefácio ao Livro I, a relação que o poeta estabelece entre o epigrama e os Jogos Florais (*Ludi Florales*), festividades em honra da deusa Flora, protetora das plantas e ligada aos rituais de fertilidade.

²⁶ Na Grécia e em Roma, as mulheres costumavam clarear as faces com um creme à base de alvaiade, pigmento branco composto de carbonato de chumbo (*OCD*: 404). Marcial brinca também com o duplo sentido de “cândido”, também presente em nossa língua (“branco”, “alvo” e “puro”, “inocente”): os poemas que critica são mais brancos que uma pele branqueada com alvaiade, isto é, são brancos, puros demais, não possuem gracejos, brincadeiras, ditos picantes.

²⁷ Além de designar o composto químico, o termo latino *sal* também pode significar, a exemplo do que ocorre em português, a graça, o sarcasmo, o tempero de um dito ou frase (*OLD*: 1680-1a, 6a e 6b).

²⁸ Substância com a qualidade do que é picante, azedo, amargo (*OLD*: 683-1a e 2); veneno, mas aqui entendido não como algo que é nocivo porque implica em insultos declarados, mas sim como o sarcasmo que dá graça ao epigrama, criticando as pessoas sem revelar nomes.

²⁹ Os poemas que não possuem sal, graça, não divertem a ninguém; logo, não são lidos.

³⁰ Isto é, o figo de Quios, que é picante, é que tem graça. Quios, cidade e ilha do mar Egeu, na costa da Jônia (atual Turquia), era famosa por seus figos (*A Guide to the Ancient World*, doravante *GAW*, p. 165-166), que tinham, segundo Marcial, um sabor picante. O poeta compara os poemas picantes aos figos de Quios, e reserva às crianças os poemas doces demais e sem gosto.

(...) Já a franqueza lasciva das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, justificá-la-ia, se fosse eu a ter dado o exemplo; assim, porém, escreve Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim todo aquele que é lido do início ao fim. Se alguém, entretanto, é de tão afetada austeridade que, perto dele, não é permitido, em nenhuma página, falar o latim sem rodeios, pode se contentar com este prefácio, ou, antes, com o título.

Evocando a precedência, na utilização da linguagem obscena dos epigramas, dos autores que tem por modelos (Catulo, Domício Marso, Albinovano Pedão, Gneu Getúlico), Marcial de certa forma se previne de qualquer acusação dos moralistas. Garante ainda que a língua utilizada em seus poemas nada mais é do que um latim mais próximo da língua coloquial, da língua que o povo efetivamente fala nas ruas da cidade, não filtrada, portanto, de seus termos obscenos, de seu calão.

O poeta, no entanto, não hesita em mudar o teor da linguagem quando o livro é dedicado, por exemplo, ao imperador. No prefácio ao Livro VIII, o primeiro dedicado formalmente pelo poeta ao imperador Domiciano, Marcial afirma que inseriu também no livro alguns poemas cômico-satíricos, a fim de evitar que um volume inteiro de epigramas adulatórios ofendesse a modéstia do imperador. E eis o que diz no primeiro epigrama do livro, dirigindo-se à sua própria criação:

Ó livro, que está prestes a adentrar os lauríferos penates³¹ de nosso soberano,
aprenda a falar com mais respeito, por uma boca pudica.
Afasta-te, Vênus desnuda³², não é teu este livrinho:
Tu, cesárea Palas³³, vem tu a mim.

O poeta tem em mente, sem dúvida, as medidas que Domiciano tomara durante seu governo em favor da moralização dos costumes. Em outros livros – não dedicados formalmente ao imperador, é importante ressaltar – o epigramatista pedirá que César seja tolerante com a linguagem e os temas licenciosos de seus epigramas, uma vez que até mesmo os generais vitoriosos, nas procissões triunfais, toleram os insultos que contra eles cantam seus próprios comandados³⁴. Veja-se VII, 8, por exemplo:

³¹ Os Penates eram divindades domésticas, protetoras do lar (*OCD: 1135*). De acordo com Virgílio (*Eneida*), teriam sido trazidos de Tróia por Enéias. Marcial, no entanto, usa o termo em sua acepção de “lar”, “morada”. O adjetivo “lauríferos” se refere, possivelmente, às recentes vitórias militares de Domiciano, que contivera uma incursão sármata que havia destruído uma legião romana na Panônia (*OCD: 491*).

³² Representa aqui a obscenidade, a licenciosidade dos epigramas de Marcial, que este quer afastadas do Livro VIII.

³³ “Cesárea” porque era a deusa que o imperador tomava por sua protetora.

³⁴ Eram os chamados *carmina triumphalia*, que, acreditava-se, espantavam do triunfador os maus-olhados.

Agora, Musas risonhas, agora vos diverti, como outras vezes mo concedestes:
vencedor nos é restituído, pela terra Odrísia³⁵, o nosso deus.³⁶

(...)

Joviais insultos³⁷ cantarà, de coroa à cabeça, o soldado,
quando em cortejo marchar, entre corcéis enfeitados de louro³⁸.

Ouvir meus gracejos e poemas mais levianos permite, César,
também a ti, já que o próprio triunfo aprecia a diversão.

10

Outros metepigramas em que o poeta trata do teor licencioso dos temas e da linguagem de seus epigramas são: I, 4 e I, 35; III, 68, III, 69 e III, 86; IV, 8; V, 2; X, 20; XI, 15 e XI, 16; veja-se ainda o prefácio ao Livro VIII, dirigido ao imperador Domiciano. Para a leitura da tradução e dos comentários a esses poemas, remeto à minha dissertação (ver nota 8).

3.4. A recusa da difamação pessoal

Apesar da crítica social que Marcial empreende em sua obra poética, ele freqüentemente avisa, em seus metapoemas, que jamais critica as pessoas individualmente, mencionando nomes reais. De fato, em todos os poemas cômico-satíricos de Marcial, as pessoas criticadas são representadas por nomes fictícios, e a prova disso, além do próprio testemunho do poeta, é o fato de não ser possível identificar personagens históricos com os nomes mencionados nos poemas. Tais nomes podem tanto designar indivíduos específicos, ocultados sob o pseudônimo, como representar toda uma classe ou grupo social. Nomes verdadeiros de pessoas reais só são mencionados, em geral, quando se trata de epigramas adulatórios, de homenagem ou de temática neutra. No prefácio ao Livro I, Marcial expressa a sua recusa em escrever epigramas difamatórios, ao contrário de seus predecessores (Catulo, por exemplo, escrevera epigramas que atacavam nominalmente a Júlio César e a Mamurra, comandante de César na Guerra das Gálias):

³⁵ Isto é, a Trácia, também chamada Odrísia por conta da tribo dos odrísios, que chegara à região nos séculos V e IV a.C. e desenvolvera ali um poderoso império (GAW: 652).

³⁶ Domiciano estivera, em 92 d.C., em campanha militar na Panônia, onde vencera os sármatas (OCD: 491).

³⁷ Os *carmina triumphalia*. Os generais vitoriosos que tinham obtido o direito de celebrar o triunfo – isto é, o cortejo triunfal que se dirigia até o templo de Júpiter, no Capitólio – eram, de acordo com uma antiga tradição, insultados por seus próprios soldados, através de canções ofensivas e muitas vezes obscenas que eles lhes dirigiam. Acreditava-se que tais canções, chamadas *carmina triumphalia*, tinham a função de espantar do triunfador os maus-olhados (OCD: 293); na prática, porém, elas eram apenas uma oportunidade para os soldados zombarem de seu comandante, como ocorreu com Júlio César, que ficou ofendido, segundo Suetônio, com as ofensas de caráter pessoal que seus comandados lhe dirigiram durante um de seus triunfos (César, 49).

³⁸ O louro era o símbolo do triunfo, e com ele eram feitas as coroas utilizadas pelo triunfador e pelos participantes da procissão triunfal (OCD: 1554).

Espero ter buscado, em meus livrinhos, uma moderação tal que ninguém que tenha, de si, uma boa imagem, possa deles se queixar, uma vez que gracejam conservando o respeito até para com as pessoas de ínfima condição. Esse respeito de tal forma faltou aos autores antigos que eles não só fizeram uso de nomes verdadeiros como também de nomes ilustres. Que a fama me custe menor preço e que a última coisa a ser louvada em mim seja a mordacidade. Que fique longe da inocência de minhas brincadeiras o intérprete maldoso e que ele não escreva meus epigramas: age desonestamente aquele que se mostra talentoso graças ao livro alheio. (...)

A mesma preocupação vem expressa em V, 15; VII, 12 e VII, 72; X, 3 e X, 5; além dos ciclos II, 10/12/21/22/23; III, 8/11; e IX, 95/95b.³⁹ O metepigrama que resume, porém, esse princípio de Marcial de não mencionar o nome verdadeiro dos indivíduos criticados é X, 33, do qual reproduzo, a seguir, os seis últimos versos:

(...) se versos impregnados de verde azinhavre 5
uma maldosa inveja acaso disser que são meus,
que os afastes de mim, como costumás fazer, e afirmes
que ninguém que é lido escreve tais poemas.
Respeitar este limite souberam os meus livrinhos:
poupar as pessoas, criticar os vícios. 10

O poeta, dirigindo-se a Munácio Galo, talvez seu patrono ou amigo, garante que ataca somente os vícios das pessoas, não as pessoas individualmente (cf. v. 10: *parcere personis, dicere de uitiiis*). Veja-se também III, 99, em que Marcial diz ao sapateiro Cerdão que não critica seu modo de vida, mas apenas sua profissão (cf. v. 2: *ars tua, non uita, est carmine laesa meo*), ou seja, alveja, nos epigramas, o tipo social, não o indivíduo.

4. CONCLUSÃO

A significativa presença de metepigramas no conjunto da obra de Marcial e as várias reflexões, sobre poesia e literatura, que neles se encontram, aliados ao indiscutível talento poético que se pode perceber, em maior ou menor grau, na leitura de sua obra permitem isentar Marcial de qualquer dúvida que possa persistir, a respeito de sua importância e do caráter consciente de seu fazer poético, por parte daqueles que conhecem apenas uma ou duas dezenas de seus dísticos cômico-satíricos. A imagem de um poeta assistemático, ametódico ou mesmo ingênuo e pueril que pode advir de uma leitura limitada e superficial de sua obra se esvai por completo quando se conhece um número maior de seus epigramas, sobretudo os metepigramas e as fecundas e profundas reflexões, neles contidos, sobre o fazer poético. Mesmo consciente de que cultivava um gênero que a tradição considerava “menor”, Marcial possuía preocupações e ambições literárias, possuía, enfim, um projeto poético-literário, seja o de se tornar o

³⁹ Ver dissertação (referência completa na nota 8).

maior epigramatista em língua latina⁴⁰, seja o de dar, de alguma forma, ao próprio gênero epigramático, uma maior importância, uma vez que – a se acreditar nas palavras do poeta – os livros de epigramas gozavam de um considerável público na Roma imperial, ao contrário de outros gêneros de poesia tradicionalmente considerados mais elevados.⁴¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, E. (2002). *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. 4. ed./2. reimpr. São Paulo: Perspectiva.
- BAILLY, A. (1963). *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris, Hachette.
- CATULO. (1991). *O Cancioneiro de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec.
- CATULO. (1996). *O Livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp.
- CESILA, R.T. (2004). *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. (Dissertação de Mestrado em Linguística/Letras Clássicas). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.
- CITRONI, M.; FEDELI, P.; PADUANO, G. & PERUTELLI, A. (1991). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. A cura di Franco Montanari. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- _____. (1989). “Musa Pedestre”. In: CAVALLO, Guglielmo, FEDELI, Paolo, GIARDINA, Andrea. *Lo Spazio Letterario di Roma Antica*. Roma: Salerno. vol I (“La Produzione del Testo”), pp. 311-341.
- CONTE, G.B. (1994). *Latin literature: a history*. Tradução para o inglês de Joseph B. Solodow. Baltimore-London: Johns Hopkins University.
- DEZOTTI, J.D. (1990). *O Epigrama Latino e sua expressão vernácula*. (Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

⁴⁰ Cf. XII, 94, sobretudo versos 10-11: *...epigrammata fingere coepi:/ hinc etiam petitur iam mea palma tibi* (“Epigramas passei a fazer:/ agora, até essa palma já minha é por você cobiçada”). Veja ainda IV, 23, 6-8: *Qui si Cecropio satur lepore/Romanae sale luserit Mineruae,/ illi me facias, precor, secundum*. (“Se este [Brutiano, a quem Calímaco considerara o maior epigramatista em língua grega], farto da beleza cecrópia./ quiser compor com a jovialidade da romana Minerva./ que me façás, te peço, o segundo, depois dele”).

⁴¹ Cf. os versos finais do epigrama IV, 49, citado anteriormente: *Illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant./ Confiteor: laudant illa, sed ista legunt*. (“Aqueles [os poemas épicos e trágicos], no entanto, todos louvam, admiram, veneram./ Admito: louvam aqueles, mas estes meus é que lêem.”). Vejam-se ainda I, 1; V, 15; V, 25, 5-6; V, 60; VI, 64, 24-26; VI, 82, 1-6; VII, 17, 9-10; VIII, 3, 3-4; X, 3, 10; X, 9, 3-4; X, 103, 3-4; XI, 3; XI, 24, 5-9 e XII, 2, 17-18.

- GENTILI, B.; STUPAZZINI, L. & SIMONETTI, M. (1987). *Storia della letteratura latina*. Roma-Bari: Laterza.
- GLARE, P.G.W. (1985). (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. (3. reimpr.). New York: Oxford University Press.
- GRANT, M. (1997). *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*. New York: Barnes & Noble.
- GUIMARÃES, R. (s.d.). *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix.
- HOMÈRE. *L'Odyssée*. 8. e 11. reimpr. Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1999 (vol. I), 1995 (vol. II) e 1987 (vol III). 3 vol.
- HORNBLOWER, S. & SPAWFORTH, A. (1999) (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press.
- LÓPEZ FÉREZ, J.A. (1988). (ed.). *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Cátedra.
- MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933 (1. ed.), 1961 (2. ed.). 3 vol.
- MARTIN, R. & GAILLARD, J. (1981). *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan.
- VIRGÍLIO. (1858). *Virgílio Brasileiro*. 2. ed. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Garnier.
- SANDYS, John Edwin. (1943) (ed.). *A Companion to Latin Studies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SULLIVAN, J.P. (1991). *Martial: the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge University Press.